

Nada como uma pessoa que procura saber exatamente o que está dizendo — isto pode evitar desde pequenos equívocos até acidentes fatais ou guerras

Ninguém Perde Por Ser Exato

Condensado de CHRISTIAN HERALD

EVAN HILL

NOSSA SEGURANÇA e senso de bem-estar — nossa vida, em suma — dependem do grau de confiança que depositamos na exatidão das pessoas com quem lidamos. Por exemplo: em julho de 1971, um Jumbo 747 danificou-se numa decolagem em São Francisco. Felizmente, ninguém morreu, embora tenha havido muitos feridos. Mais tarde, o piloto testemunhou que o controle de vôo lhe dissera que a pista tinha 2.900 metros de comprimento. E *tinha* mesmo; só que, principalmente devido a algumas obras, apenas 2.600 estavam em uso. Isto levou a uma velocidade de decolagem mal calculada e ao acidente. Daí, os investigadores chegaram à raiz do problema, resultante de uma série de irregularidades, informações inexatas ou mesmo falta de informações. O fato é que

todo dia, milhares de passageiros arriscam suas vidas num jogo em que certos dados vitais para a sua segurança dependem de absoluta e escrupulosa exatidão.

O técnico de foguetes Hans Gruene recorda um incidente na década de 50, quando estava trabalhando no foguete Redstone. Durante uma investigação que se seguiu ao fracasso de uma missão do Redstone, um engenheiro descobriu que tinha cometido um engano quando trabalhava no foguete, e o comunicou imediatamente a Werhner von Braun, o chefe do projeto. Em vez de punilo, como ele esperava, von Braun o premiou — porque, como disse, era vital saber o que estava errado.

O grau de exatidão exigido no programa espacial é ilustrado por uma declaração de von Braun há alguns anos: «O Saturno 5 tem

cinco milhões e 600 mil partes. Mesmo se tivéssemos uma margem de confiança de 99,9 %, ainda restariam 5.600 partes duvidosas. Ainda assim, a missão Apolo 4 emitiu um *Manual de vôo* no qual só ocorriam duas irregularidades, demonstrando um grau de exatidão de 99,999 %. Se um automóvel comum, com suas 13 mil partes, tivesse a mesma margem, seriam necessários 100 anos para que a primeira delas acusasse um defeito.»

Até a linguagem imprecisa ou inexata pode levar a incidentes diplomáticos ou mesmo a uma guerra. O diplomata inglês Sir Harold Nicolson condenou «os horrores da ambiguidade», e escreveu: «O essencial para a boa diplomacia é a precisão; o maior inimigo é a imprecisão.»

A carga da Brigada Ligeira, aquele famoso desastre militar do século XIX, foi atribuído a ordens vagas e mal compreendidas. O ajudante de Lord Raglan pode ter aumentado a confusão quando transmitiu a ordem a Lord Lucan, e indicou vagamente o alvo a ser atacado. Em consequência, a Brigada Ligeira investiu sobre o próprio centro do exército russo, e não sobre um local de onde os russos, desorganizados, estavam removendo os seus canhões. Fosse qual fosse a razão, dos 609 cavaleiros britânicos que fizeram a carga, só retornaram 198.

Em tudo que se faz, é necessário ter precisão. Durante as Olimpíadas de Munique, em 1972, dois atletas norte-americanos foram desclassifica-

dos porque seu técnico confundiu os horários, e não marcou a hora certa da chegada de seus homens.

Exatidão nunca é demais. O editor de uma revista perguntou-me, certa vez, se eu conhecia determinado homem famoso, mas cujo estilo não era dos melhores.

«Sim, eu o conheço», respondi. «Mas não creio que ele me conheça. Já o visitei pelo menos seis vezes, e a cada vez tive de ser apresentado a ele.»

O editor trocou um olhar com um colega. «Estou lhe perguntando isso», disse-me, «porque você me afirmou que o conhecia. Mas, quando telefonamos para ele, disse que nunca tinha ouvido falar em você. Agora entendo por quê.» E eu consegui o serviço.

Poucos executivos consideram a exatidão uma virtude especial. Eles a dão de barato. As pessoas habituadas a dizer coisas sem nexos, ou exageradamente, parecem atrair mais atenção, mas o hábito da exatidão dá bons frutos aos que o praticam. Seus usuários são pessoas em quem se pode confiar, e que, por isso, se tornam candidatos naturais a cargos de responsabilidade. Afinal de contas, se você pudesse escolher entre um homem que se baseia em suposições e outro que se baseia em fatos, qual você escolheria para seu colaborador?

A inexatidão afeta todas as formas de relacionamento humano. Num festa, o homem que não nos apresenta direito aos demais convidados, talvez não nos ligue muito.

Quanto bom-humor entre marido e mulher se perdeu num passeio de fim-de-semana, porque o «co-piloto» deu uma vaga indicação, «por ali», em vez de «a próxima à esquerda» ou «vá em frente»? Ao passo que a exatidão, em todas as nossas atividades, adoça um relacionamento, evita as incompreensões e ajuda a manter a paz.

Como podemos desenvolver a arte da exatidão? Eis aqui algumas sugestões:

● *Fatos: saiba o que está dizendo.* Vivemos numa época de opiniões instantâneas, argumentos pré-fabricados e de pseudo-estatísticas. Por exemplo, todos «sabemos» que um divórcio leva a outro. Mas o fato é que, de todas as pessoas divorciadas, a grande maioria só se divorciou uma vez, e se casou de novo para sempre — ou não se casou.

Nem sempre os fatos são conhecidos, ou fáceis de interpretar, mas devemos tentar aprender sobre eles, antes de emitir opinião. Mais ainda, devemos dar o mesmo peso a todos os fatos relevantes, e não «escolhê-los», ignorando aqueles que enfraquecem a nossa posição.

● *Precisão: habitue-se a ler livros de referência.* A exatidão não é só uma questão de fatos; significa também ortografia, gramática, pontuação, medida, relevância e contexto corretos — numa palavra: precisão. Aprendi isto com meu primeiro chefe de redação, o qual me ensinou que a expressão «não se registraram feridos» não significa que «não houve feridos»; e que um ho-

mem «acusado» de roubo não é necessariamente considerado ladrão.

Como disse o Dr. Richard Asher aos candidatos a redatores, no jornal da Associação Médica Americana: «Chequem tudo o que quiserem citar. Talvez estejam absolutamente convencidos de que existe um livro chamado *Alice no país das maravilhas*, no qual se menciona um 'Chapeleiro louco'; de que há outro livro chamado *Alice através do espelho*; de que Sherlock Holmes dizia, 'Elementar, meu caro Watson'; e de que, na história de Adão e Eva contada na Bíblia, uma maçã é mencionada. Em todos esses casos, vocês estariam errados.» *

Situações parecidas ocorrem sempre. E, para descobrir os fatos, exige-se que pesemos cuidadosamente cada indício conflitante, e analisemos bem nossas observações. Isto exige disciplina, assim como um construtivo ceticismo. A pessoa acurada quase sempre preferirá reservar o seu julgamento, a dar um palpite duvidoso. Ou dirá, com sinceridade: «Não sei.»

A precisão é uma faculdade rara, e que exige razão e paciência. Mas ela pode ser até criativa, pois costuma não só confirmar os fatos, como pode até revelá-los.

* O primeiro livro citado chama-se *Aventuras de Alice no país das maravilhas*. Refere-se apenas a um «Chapeleiro», e nunca a um «Chapeleiro louco». O outro livro se chama *Através do espelho*. A frase de Holmes é: «*Excepcional*, disse eu; *elementar*, disse ele.» Finalmente, o Livro do Gênesis não se refere a qualquer maçã.

Entre Aspas

ACEITE as coisas tais como são, mas tente fazer com que elas sejam de forma a que você possa aceitá-las mais facilmente. – C. G.

ESTE mundo é muito confuso. Estamos ficando sem eletricidade – e ainda nem sabemos ao certo o que ela é. – C. T.

QUANDO você despoja um homem de tudo o que ele possui, ele já não está mais sob o seu poder. É livre de novo. – Alexandre Soljenitsin

NÃO HÁ assunto, por mais complexo que seja, que – se estudado com paciência e inteligência – não se possa tornar ainda mais complexo. – N. S. H.

A BAJULAÇÃO é uma espécie de dinheiro falsificado que, se não fosse pela vaidade, não teria a menor circulação. – La Rochefoucauld

UM PAI é um homem que tenta fazer de seu filho um homem tão bom como ele pretendeu ser. – F. A. C.

A DEMOCRACIA, como o amor, consegue sobreviver a qualquer ataque – exceto ao da negligência e da indiferença. – P. S.

ESFORÇAMO-NOS mais em ajudar as pessoas a atingir uma idade avançada do que as ajudamos a desfrutá-la. – F. A. C.

O NOSSO dilema é que detestamos as mudanças, embora, ao mesmo tempo, gostemos delas; o que realmente desejamos é que as coisas fiquem na mesma, porém melhores. – S. J. H.